

RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA E AFRO-BRASILEIRAS EM REGIÃO FRONTEIRIÇA (BAGÉ – RS)

HÉLEN DE OLIVEIRA SOARES JARDIM¹;
ROSANE APARECIDA RUBERT²

¹*Universidade Federal de Pelotas – helenjbage@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – rosanerubert@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

[...] Embebi meu corpo, lavei minha alma, saudei os orixás, senti a energia benéfica dos ancestrais, com o avesso recheado de luz, o amor me conduz, sou mulher negra, vencendo desafios.

Eli Theodoro

No estado do Rio Grande do Sul, as primeiras manifestações religiosas de matriz africana e afro-brasileiras surgiram na primeira metade do século XVIII, em decorrência da diáspora forçada de africanos(as) por meio da escravização. Como é de amplo conhecimento, na vila de Rio Grande se construiu o principal porto marítimo de desembarque e comércio dos negros escravizados no RS, usados no trabalho braçal: “como peão de estância, embarcadiço, tropeiro, na agricultura (onde uma participação foi extremamente marcante), os serviços urbanos - artesãos, carregadores, vendedores, escravos de aluguel, serviços domésticos, como soldados, nas guerras e guarnições militares” (CORRÊA, 2016, p. 41). Na região de Pelotas (RS), a partir de 1780, o maior percentual da população negros/as escravizados/as desta área territorial trabalhava forçosamente na indústria do charque (produção de carne seca que servia para alimentação dos escravizados, principalmente na região sudeste e nordeste do Brasil).

As religiões de matriz africana e afro-brasileiras são produtos deste processo, estando em permanente transformação no transcorrer da história. Goldman (2015) descreve que as religiões trazidas pelos escravos africanos para as Américas misturaram elementos ao longo do tempo, das cosmologias indígenas, do catolicismo popular e do espiritismo que teve sua origem europeia. Essas práticas religiosas foram provavelmente desenvolvidas no século XIX. (GOLDMAN, 2015, p. 644).

As manifestações religiosas de matriz africana e afro-brasileiras podem ser concebidas, portanto, como expressão de multiplicidades, diferenças em constante metamorfose, pensadas na e pela encruzilhada que conecta diferentes forças cosmológicas, compondo territórios simbólicos de intensidades diversas (ANJOS, 2006, p. 22).

De acordo com o mapeamento realizado pelo antropólogo Ari Pedro Oro, ainda em 1994, constatou-se que há mais de 30 mil terreiros de religiosidades afro-brasileiras no estado do RS. As ritualísticas que estão presentes nos

terreiros, 80% possuem Umbanda, Quimbanda e Batuque. Somente Umbanda, 10% e exclusivamente Batuque 10% (ORO, 1994, p. 47).

Esse quadro certamente se alterou nas últimas décadas, com a notável autonomização e aumento dos centros religiosos de quimbanda, apontando para o caráter dinâmico do campo afro-religioso gaúcho (GIUMBELLI; ALMEIDA, 2021).

Corrêa (2016) ressalta que a “umbanda” incorpora elementos kardecistas, católicos, elementos da pajelança, indígenas, orientais e cultua entidades católicas, caboclos. “Linha cruzada” ou “quimbanda” cultua as entidades de “esquerda”, denominados exus e pomba giras e que, segundo o autor foram assimilados provavelmente das macumbas no Rio de Janeiro. Já o “batuque” reúne elementos africanos como Orixás, advindos do continente africano (bantos e sudaneses), espíritos ancestrais “de religião” dos praticantes e também Eguns, sendo o equivalente ao candomblé no estado do RS.

A pesquisa que está em estágio preliminar, junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia, na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), é pautada na desconstrução epistêmica da colonialidade nos campos das Ciências Humanas e Sociais acerca das cosmogonias afrodiáspóricas. Tem por ênfase o protagonismo feminino e relações de gênero em religiões de matriz africana na cidade de Bagé (RS), situada na região fronteiriça entre Brasil e Uruguai.

A atual pesquisa é um desdobramento da dissertação defendida no Mestrado em Ensino, na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), quando a temática trabalhada foi a educação de mulheres negras praticantes da Umbanda na cidade de Bagé (RS) (JARDIM, 2022). Saberes e fazeres de mulheres integrantes das comunidades e casas de Umbanda apontou que a educação de mulheres umbandistas no cotidiano das vilas e na vida comunitária, nas relações intergeracionais de avós, Mães e filhas e nas ritualísticas, se faz em laços de solidariedade e bem comum.

Estas vozes moveram meu desejo de seguir pesquisando sobre as religiões afrodiáspóricas a partir da experiência advinda da minha inserção etnográfica e vivência junto ao campo afro-religioso, agora, sob viés antropológico, atenta às cosmopercepções, histórias, narrativas e memórias por elas produzidas nos terreiros, nesta cidade de fronteira.

2. METODOLOGIA

As experiências que aqui procuro traduzir, acessadas por meio da convivência, diálogos informais, narrativas e entrevistas gravadas, privilegiam a trajetória de Yalorixá Mãe Maria D’ Oxalá Belerum. Inspiro-me na “etnobiografia” como metodologia, que parte das experiências individuais para alcançar percepções culturais que lhes são subjacentes, contemplando ambas as dimensões simultaneamente, de forma a romper com dicotomias clássicas das Ciências Sociais, como indivíduo x sociedade (GONÇALVES; MARQUES; CARDOSO, 2012, p. 09).

E, é no ato de narrar, que os indivíduos “criam e agregam novos significados ao mundo” (GONÇALVES; MARQUES; CARDOSO, 2012, p. 10), pois, a narrativa é constitutiva não apenas da experiência, mas também da realidade social e da relação entre pesquisador e pesquisado, que poderia contribuir com o trabalho que está sendo desenvolvido neste momento.

Além do terreiro da Yalorixá Maria do Reino de Oxalá Belerum estou fazendo inserções etnográficas na casa do Babalorixá Cristian de Oxum Epandá Olossy utilizando como ferramenta metodológica a observação participante enquanto procedimento “revolucionário”, pois além de ser um ato propriamente político de trazer à tona quem estava invisibilizado ou marginalizado, nos permite viver com e fazer parte da vida destas pessoas de uma forma mais plena, unindo à práxis, ao questionar pressupostos teóricos e reconhecer as interconexões entre pesquisador e pesquisado (SHAH, 2020).

Dessa maneira, a pesquisa dialogará com a ideia de *Escrevivências* de Conceição Evaristo (2016), assumindo meu posicionamento político-metodológico de (re) existências dentro do campo por ser uma mulher negra adepta dessas religiões a vinte e cinco anos, desafiando-me a vivenciar, sentir, presenciar e aprender com/e/os interlocutores da pesquisa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trabalho de campo que vem sendo realizado sistematicamente em dois terreiros na cidade de Bagé (RS) tem mostrado que os resultados obtidos até o momento são bastante significativos para a compreensão da configuração do campo afro-religioso na cidade de Bagé. Neste trabalho, trago como recorte, os diálogos espontâneos e gravados realizados com a Yalorixá Maria de Oxalá.

Mulher negra, oitenta anos, viúva, nascida na cidade de Rio Pardo, desde pequena dizia que quando crescesse moraria em Bagé. Quando casou, seu esposo foi chamado em um concurso e assim vieram morar na cidade. É importante destacar que Mãe Maria possui oitenta anos, é cozinheira aposentada, têm quatro filhos e dezessete netos, todos da religião. “Mãe Maria”, como é popularmente conhecida, cultua a Umbanda e a Quimbanda na condição de dirigente de culto, há mais de 68 anos, e há mais de 40 anos, o Batuque também passou a fazer parte da sua trajetória religiosa, quando então passou ao status de “Yalorixá Maria de Oxalá Belerum”. Seu terreiro fica situado no bairro Malafaia, um pouco afastado do centro da cidade, mas próximo da UNIPAMPA. Apesar disso, Mãe Maria explica que nunca chegou perto da Universidade e diz que sua escola foi as orientações e ensinamentos recebidos dos Orixás e guias, além de todo aprendizado transmitido a partir da oralidade. Sua casa religiosa é sinônimo de muito acolhimento, pois durante a convivência no local pude notar que a mesma nunca fica sozinha. Sempre “há” alguém que a procura para “se benzer”, para “jogar búzios”, para um “direcionamento espiritual”. Também tem “filhos de santo” em outras cidades, em outros estados, no Uruguai, na Argentina, embora não seja uma pessoa adepta à redes sociais, sendo que a grande maioria destes são seus filhos de religião há mais de 30 anos. Ela relata que sua casa é composta por uma família religiosa que passa entre o visível e o invisível, fazendo alusão aos entes não-humanos com os quais se relaciona.

4. CONCLUSÕES

Bagé (RS), cidade situada no pampa gaúcho, fronteira do Brasil com O Uruguai, possui atualmente cerca de mais de duas mil casas de religião de matriz africana e afro-brasileiras (Umbanda, Linha Cruzada ou Quimbanda e Batuque).

Pretende-se, com o andamento deste trabalho, gerar novas possibilidades que apresente um recorte mais amplo, enaltecendo narrativas, memórias e *escrevivências* sociais dentro do viver/fazer científico. Ainda há um longo caminho

a percorrer, porém é notável a importância dessa temática dentro do campo da pesquisa, no campo da Antropologia e das Ciências Humanas e Sociais, principalmente para a compreensão dessas manifestações religiosas como forma de pertencimento e preservação, legitimidade social em um contexto de fronteira, já que “brasileiros e platinos foram integrados em várias redes de parentesco religioso” nas últimas décadas (ORO, 1999, p. 92).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANJOS, J. C. G. **No território da linha cruzada.** Porto Alegre, RS: Ed. UFRGS, 2006. 1v.

CORRÊA, N. **O Batuque do Rio Grande do Sul.** São Luís, MA: Ed. Cultura e arte, 2016. 3v.

GIUMBELLI, E. A.; ALMEIDA, L. O. O enigma da quimbanda: formas de existência e de exposição de uma modalidade religiosa afro-brasileira no Rio Grande do Sul. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 64, n. 2, p. 1-22, 2021.

GOLDMAN, M. “Quinhentos anos de contato”: por uma teoria etnográfica da (contra)mestiçagem. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 641-659, 2015.

GONÇALVES, A. M.; MARQUES, R.; CARDOSO, V. Z. Etnobiografia: esboços de um conceito. In: **GONÇALVES, A. M.; MARQUES, R.; CARDOSO, V. Z. (Orgs.). Etnobiografia: subjetivação e etnografia.** Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012. Cap. 1, p. 9-17.

JARDIM, H. **Vozes de Mulheres negras na Umbanda: a educação nos terreiros e comunidades afro-brasileiras na cidade de Bagé (RS).** 2022. 107f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Ensino) – Programa de Pós-Graduação em Ensino, Universidade Federal do Pampa.

ORO, A. P. **As religiões afro-brasileiras nos Países do Prata .** Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1999. 1v.

ORO, A. P. **As religiões afro-brasileiras do RS.** Porto Alegre, RS: Ed. UFRGS, 1994. 1v.

SCHIMIDT, S. C. Nos becos da memória. In: DUARTE, C. L.; CÔRTES, C., PEREIRA, M. R.(org.). **Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo.** Rio de Janeiro, RJ: Ed Idea, 2016, Cap.7, p.101-108.

SHAH, Alpa. Etnografia? Observação participante, uma práxis potencialmente revolucionária. **R@U**, São Carlos (SP), v. 12, n. 1, p. 373-392, 2020.